HISTÓRIA DA MEDICINA

# Vincent van Gogh: um caso clínico de neuroborreliose de Lyme com 'pseudotumor cerebri'? – Parte I

# *Vincent van Gogh: a clinical case of Lyme neuroborreliosis with 'pseudotumor cerebri'? – Part I*

/ **J. A. David de Morais**[1]

[1] Especialista em Infecciologia, Medicina Interna e Medicina Tropical; Doutoramento e Agregação em Parasitologia Humana. Aposentado

Correspondência:
J. A. David de Morais
Rua José Régio 36
7005-537 Évora
Telf.: 266 751 848
Email: j.davidmorais@gmail.com

Patrocínios:
O presente estudo não foi patrocinado por qualquer entidade.

*Artigo recebido em*
??/0?/20??

*Artigo aceite para publicação em*
??/0?/20??

"... *a minha vida está atacada na sua própria raiz, os meus passos estão já cambaleantes.*"
Van Gogh (carta escrita ao irmão no mês em que se suicidou)

**/ Resumo**

Muitos têm sido os diagnósticos sugeridos para a(s) possível(eis) doença(s) de Vincent van Gogh. Todavia, importa reconhecer que, o mais das vezes, eles foram formulados por elementos estranhos ao domínio da Medicina, basearam-se em dados clínicos equívocos e não consideraram a componente epidemiológica. Assim, conjugando a epidemiologia e a clínica, o autor, que é médico especialista em Infecciologia, admite como possível o diagnóstico de borreliose de Lyme, na fase de disseminação tardia com quadro de 'pseudotumor cerebri'.

**Palavras-chave:** Vincent van Gogh; Paul Gauguin; Borreliose de Lyme; 'Pseudotumor cerebri'

**/ Abstract**

*Many diagnoses have been suggested for Vincent van Gogh's disease(s). However, it is important to recognize that most of the diagnoses were made by non-doctors, based on equivocal clinical data and did not consider the epidemiological context. Thus, combining epidemiology and clinic, the author, a medical specialist in infectious diseases, admits as possible the diagnosis of Lyme borreliosis, in the late disseminated phase with 'pseudotumor cerebri'.*

**Keywords:** *Vincent van Gogh; Paul Gauguin; Lyme borreliosis; 'Pseudotumor cerebri'*

## / Introdução

A genialidade da pintura de Vincent van Gogh (1853-1890) não oferece contestação – um pintor manifestamente à frente do seu tempo. Todavia, a sua popularidade actual decorre, não só da grandeza da sua produção pictórica, mas, outrossim, do conhecimento público da sua vida atribulada, aliás explorada pelos meios de comunicação social, *v. g.*, pelo cinema, televisão e numerosas publicações.

Não obstante a vasta documentação coetânea da sua existência, em especial a sua volumosa correspondência – mais de 800 cartas, cerca de um terço das quais endereçadas ao seu irmão Theo[2] –, um aspecto em particular tem sido objecto de grande especulação: a(s) doença(s) de que van Gogh enfermava e que pode(m) ter contribuído para o seu trágico fim, o suicídio. Obviamente que a fiabilidade da maioria dos hipotéticos diagnósticos, formulados *a posteriori*, é questionável: vários desses diagnósticos têm sido produzidos por críticos de arte e por vultos da literatura, e não por médicos, sendo evidentes interpretações clínicas por vezes incorrectas, acrescidas de manifesta carência da necessária contextualização epidemiológica. Assim, enquanto médico infecciologista, procurámos formular aqui um diagnóstico, que supomos plausível, escudado quer na vertente clínica, quer na vertente epidemiológica.

## / Esboço da biografia de Vincent van Gogh

A 30 de Março de 1853 nasce, em Groot-Zundert (pequena aldeia holandesa), Vincent Willem van Gogh, filho de um pastor calvinista. Era uma criança rebelde e pouco sociável, e manteria esta peculiar personalidade até ao seu dramático suicídio.

Aos 16 anos de idade vai para Haia, onde começa a trabalhar com um tio numa sucursal de uma empresa que comercializava obras de arte. Ao serviço dessa empresa trabalhará também em Bruxelas e em Londres. Em 1875 é transferido para Paris, mas, cerca de um ano depois, é despedido por mau relacionamento com os clientes. Volta a Inglaterra, onde trabalha como auxiliar de professor de uma escola primária; todavia, a breve trecho regressa aos Países Baixos, onde as suas relações familiares são problemáticas: tão-só o seu irmão Theo (Theodore van Gogh), mais novo quatro anos, lhe vota compreensão e apoio monetário, apoio que aliás se manterá por toda a vida – van Gogh nunca foi capaz de garantir os meios para a sua própria subsistência. Passa por períodos depressivos e decide seguir a carreira do pai, frequentando uma escola evangélica em Bruxelas. Torna-se missionário (pregador leigo) na Bélgica, nas minas de carvão de Borinage, o "*País Negro*", mas a sua vivência com a miséria dos trabalhadores leva-o a uma grande crise espiritual. Pelo seu empenho na defesa exaltada dos mineiros, é dispensado ao fim de seis meses, sob pretexto de não possuir dotes oratórios. Desenha bastante e interessa-se pela pintura: copia obras de alguns pintores célebres, designadamente Jean-François Millet (1814-1875), cuja dedicação ao ruralismo toma por modelo – refere-se-lhe como "o pai Millet". Desloca-se para Bruxelas e, durante cerca de meio ano, estuda desenho anatómico e de perspectiva na Academia de Belas Artes. Muda-se para Haia, para ser iniciado em pintura pelo seu primo Anton Mauve (1838-1888), pintor que gozava de uma certa projecção, mas acaba por se desentender também com ele. Conhece, então, Sien (Christine Clasina Maria Hoornik), uma prostituta que estava grávida, e decide viver com ela ("*Sien became is muse*"[2]): utiliza-a como modelo, tanto mais que não tem dinheiro para pagar a modelos. Entretanto é internado no Hospital Municipal de Haia para ser tratado de uma hipotética "blenorragia" (? – vide infra). Pretende casar-se com Sien – com quem viveria quase dois anos –, o que suscita acervos conflitos com os pais e amigos: o pai ameaça interná-lo num sanatório para "lunáticos", em Gheel, perto de Antuérpia. A frustração de van Gogh é grande; sentia que tinha agora a afectividade de uma "família', como não tivera em casa dos pais: "*Não obstante ter acolhido em minha casa a mulher e os seus dois filhos e ter tido algumas desagradáveis experiências – algumas delas verdadeiramente difíceis –, mesmo assim o encontro trouxe-me uma certa calma e serenidade*"[3] – carta ao irmão, Fevereiro de 1883.

Vai para Paris, onde reside o irmão Theo (1857-1891), que não fora previamente avisado desta sua deslocação, e instala-se no seu apartamento. Theo, que trabalha numa galeria de arte, faculta-lhe o conhecimento de alguns pintores célebres, designadamente: Monet, Renoir, Sisley, Pissarro, Degas, Signac e Seurat. Na capital francesa, van Gogh depara-se com o torvelinho de várias correntes pictóricas: Impressionismo, Pontilhismo, *Cloisonnisme*, Japonismo, etc. Entretanto, os quadros que deixara em Nuenen, na Holanda, onde viveu com os pais durante algum tempo, são comprados por um adeleiro, que os vende a dez cêntimos cada, sendo os restantes queimados.

Em Fevereiro de 1888 (pouco mais de dois anos antes da sua morte), parte para Arles, em busca da utopia, mas acaba por mergulhar numa alucinante distopia. Para auto-satisfação do seu ego, diz que vai à procura do "Japonismo" (então em moda) do Sul de França – "*Je me dis toujours qu'ici je suis au Japon*"[4] –, mas outras razões pesaram nessa decisão, *v. g.*: os conflitos frequentes com pessoas com quem convivia em Paris; as suas excentricidades (o pintor Jean-Baptiste Guillaumin, seu amigo, afirmaria: "*Vincent despia-se, punha-se de joelhos para melhor se explicar e nada havia que o acalmasse*"[1]); e a saturação do irmão em casa do qual se instalara, que desabafa: "*A vida é quase insuportável; já ninguém pode vir a minha casa porque Vincent está sempre a provocar discussões; além disso, é tão desorganizado que a nossa casa está longe de ser agradável. Espero que vá instalar-se sozinho em qualquer lado*"[1] – van Gogh vestia a roupa de Theo e chegou a utilizar as suas meias lavadas para limpar os pincéis[5].

Em Arles, arrenda parte de um edifício – a designada "casa amarela", que celebrizou numa pintura –, onde pretende fundar uma comunidade de artistas. Pinta numerosos quadros, em

especial nas suas deslocações aos campos circundantes; pinta também à noite, para o que prende velas ao cavalete e à aba do chapéu. Em Outubro de 1888, chega a Arles o pintor Paul Gauguin (1848-1903), dando início à pretensa comunidade de artistas, mas a breve trecho o desentendimento entre ambos torna-se patente: as discussões geram "*uma electricidade excessiva*" e ambos saem delas "*com a cabeça como uma bateria eléctrica depois de descarregada*" – carta de Vincent a Theo, Dezembro de 1888[3]. A 23 de Dezembro desse ano, van Gogh ameaça Gauguin com uma navalha, o que leva este a sair de casa. Tresloucado, van Gogh corta parte de uma orelha, depois embrulha-a e vai "*à la maison de tolérance nº 1*" oferecê-la a uma prostituta. De madrugada, a polícia encontra-o na cama, "*ne donnant presque plus signe de vie*", sendo "*admis d'urgence à l´hospice*"[6]. Por alucinações e insónias, em Março de 1889 é admitido no hospital local. Em Maio, por sua própria vontade, é internado no asilo psiquiátrico de Saint-Paul-de-Mausole, nas imediações de Saint-Rémy-de-Provence (antes do internamento, tinha avançado a hipótese quixotesca de se alistar na Legião Estrangeira), alternando-se os períodos de lucidez e de crises. Depois de recuperar o seu tanto, é autorizado a pintar ao ar livre, sob vigilância de um enfermeiro: é o período em que pinta várias composições com ciprestes, que entende serem símbolos da morte. Esteve internado no asilo psiquiátrico durante um ano, e na nota de alta do hospício, a 16 de Maio de 1890, o Dr. Peyron escreve: "*O doente, embora calmo a maioria do tempo, teve vários ataques durante o internamento* [...] *que duraram de duas semanas a um mês* [...] *e tentou várias vezes envenenar-se ingerindo as tintas que usava no seu trabalho ou bebendo querosene, que conseguia furtar a um servente enquanto este enchia os candeeiros.* [...] *Entre os ataques, o doente mantinha-se perfeitamente tranquilo e dedicava-se com ardor à pintura*"[3].

Abandona o Sul de França e parte para Paris, onde visita o seu irmão Theo e, a conselho deste, vai instalar-se em Auvers-sur-Oise, não longe da capital francesa: esta localidade foi escolhida por ali viver o Dr. Gachet (1828-1909), médico e pintor amador, que aceita cuidar de van Gogh. Todavia a opinião de van Gogh acerca do médico não é muito lisonjeira: "*dá a impressão de ser deveras excêntrico,* [...] *o problema nervoso do qual ele me parece estar a sofrer* [*é*] *pelo menos tão grave quanto o meu.* [...] *está tão desencorajado com a profissão de médico como eu com a minha pintura*" – cartas a Theo e à cunhada, Maio de 1890[3]. Em Julho de 1890, mês em que se suicida, escreve à mãe e à irmã: "*Agora sinto-me mais calmo do que no passado e, em boa verdade, a inquietude na minha cabeça abrandou significativamente*"[3]. No dia 27 desse mês, como habitualmente, sai para pintar mas só regressa à noite: tinha pedido ao seu estalajadeiro que lhe emprestasse uma pistola para, alegadamente, afugentar os corvos que o perturbavam enquanto pintava. Com dores, confessa que tinha disparado um tiro 'no peito'. Em boa verdade, o seu suicídio estava já anunciado: a automutilação – a amputação da orelha – era um acto pré-suicidário, e já tentara várias vezes envenenar-se no asilo psiquiátrico. O Dr. Gachet faz-lhe o penso ao ferimento e informa o irmão do sucedido. No dia 29, senta-se durante todo o dia na cama e permite-se fumar cachimbo e conversar, enquanto a hemorragia interna prossegue, paulatinamente. Faleceria durante a noite, sendo enterrado no cemitério de Auvers, sem cerimónias religiosas por se tratar de um suicida.

Gauguin diz que o tiro disparado por van Gogh teria sido no 'ventre', e não no peito[7], o que clinicamente faz mais sentido: um disparo no peito danificaria a função pulmonar, e, por lesão directa no pulmão e pelo efeito compressor do subsequente hemotórax, não se afigura plausível que Vincent passasse o dia anterior ao falecimento na cama a conversar e *a fumar* cachimbo.

Apenas seis meses após a sua morte, morre Theo, num hospital de loucos da Holanda: tinha tão-só 33 anos de idade. Em 1914, o seu corpo é exumado e transferido para junto da campa de van Gogh, em Auvers-sur-Oise.

Trágico destino o dos três irmãos van Gogh. O irmão mais novo, Cornelius Vincent, iria para a África do Sul combater pela causa dos Bóeres contra a ocupação inglesa, e aí se teria suicidado.

## / A(s) doença(s) de Vincent

Segundo a generalidade dos autores, van Gogh não assinava o apelido nas suas obras por entender que era difícil aos franceses pronunciá-lo e, de feito, grafava apenas "Vincent". Pessoalmente, entendemos que bem outras terão sido as razões dessa opção: ainda na Holanda, usou o nome Vincent, que não o apelido, designadamente na litografia *Sorrow*, que retrata a prostituta Sien com a qual pretendia casar-se. Ora, estando em conflito aberto com o pai por esta tão delicada questão, não se afigura que ele, pastor calvinista puritano como era, consentisse – ou Vincent ousasse – utilizar o patronímico van Gogh: passou, pois, a quedar-se apenas pelo seu nome de baptismo (Fig. 1).

Importa, *ab initio*, atentar que Vincent possuía uma "personalidade paranóide", sendo bem manifestos esses traços de personalidade no seu comportamento, sobejamente documentado (a '*personalidade* paranóide' não é, note-se, a *psicose* 'esquizofrenia paranóide'). De acordo com os estudos pioneiros de Melanie Klein (1882-1960), a 'personalidade paranóide' *pode* representar uma vivência deficiente e mal resolvida da "*posição paranóide-esquizóide*" da fase oral da criança: é a fase em que a criança cinde o seio materno em "bom objecto" ("objecto" no sentido psicanalítico), o que está presente e é gratificante, e "mau objecto", isto é, o seio desejado da mãe que se ausenta, sendo por isso frustrante para a criança[8]. Os dois "objectos" cindidos, antagónicos, são posteriormente reunidos de novo: ocorre, então, a designada "reparação de objecto" materno[9]. Em Vincent, estaremos perante uma regressão à fase oral da "*posição paranóide-esquizóide*", deficientemente ultrapassada? Não temos dados biográficos que nos permitam fazer uma interpretação pedopsicanalítica da vivência da fase oral de Vincent, e a única

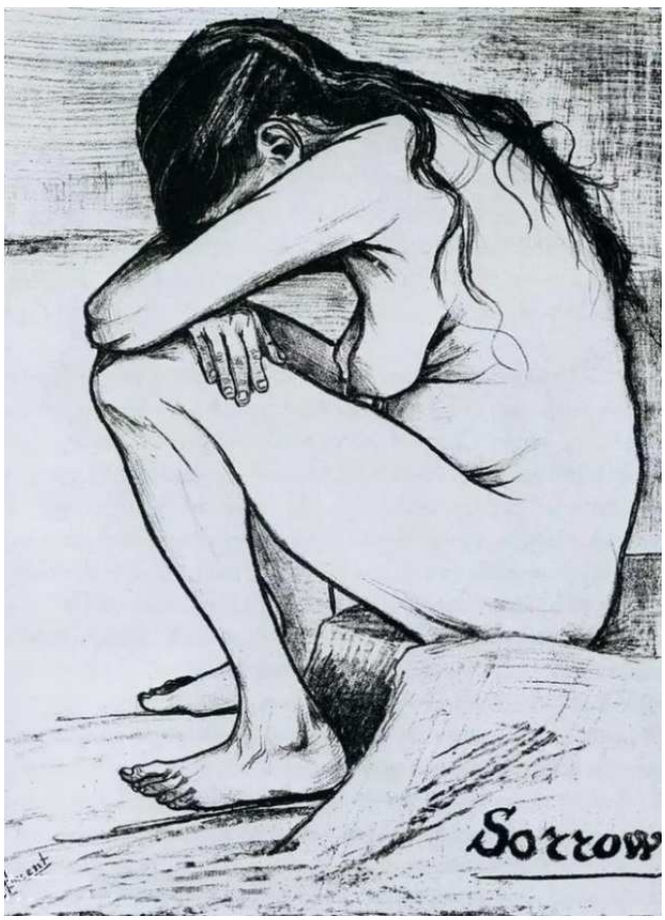


**Fig. 1 –** Tristeza (*Sorrow*) – litografia de Vincent, Haia, Novembro de 1882 (várias colecções).

coisa que podemos especular é que a sua mãe deveria ter sido uma propiciadora do seio aleitante muito ansiosa e insegura, que, de certo modo, o preteriu em favor dos outros cinco filhos subsequentes. Pouco depois do seu casamento, dera à luz uma criança nada-morta, Vincent Willem van Gogh [I], e, um ano depois, deu à luz uma outra criança, que recebeu exactamente o mesmo nome da anterior, Vincent Willem van Gogh [II], o futuro pintor, o duplo de um ausente frustrante, fruto de uma gravidez manifestamente stressante: van Gogh [I] nasceu a *30 de Março* de 1852, e van Gogh [II] a *30 de Março* de 1853. Aliás, a ligação de Vincent à prostituta Sien, que lhe proporcionava "*calma e serenidade*"[3], pode ser vista, simbolicamente, como um desejo de regresso à imagem mnésica da mãe idealizada – ao querer proteger a prostituta, na verdade é ele quem procura protecção para as suas manifestas carências afectivas. Assim, a pintura viria a ser para ele uma forma de sublimação. Posteriormente, a 'personalidade paranóide' de Vincent foi sendo reforçada ainda mais pelos seus insucessos, que ele atribuía sempre a outrem: rejeição pelas mulheres por quem se apaixonou – Eugénie (Londres, 1873) e a sua prima Kee (1881); foi preterido na admissão à escola de Teologia de Amesterdão (1878); foi-lhe recusada a renovação do contrato de evangelizador laico (1879); a sua perene incapacidade de se auto-sustentar monetariamente, dependendo sempre do dinheiro doado pelo irmão, etc. Daqui resultariam comportamentos agressivos para com a maioria das pessoas com quem conviveu, *v. g.*, o pintor Mauve, seu primo e seu iniciador na arte pictórica, e a maioria dos pintores com quem se relacionou em Paris; ameaças e injúrias à mulher do "Père Tanguy", um comerciante de tintas que, na sua loja, facultava a exposição de obras de pintores em início de carreira; o desentendimento com o Dr. Paul Gachet, seu médico, etc. Mas é já uma inequívoca manifestação paranóide, com "complexo de perseguição", a suspeita de que o queriam envenenar[10] e a tentativa de agressão a Paul Gauguin, com uma navalha.

Gauguin era cinco anos mais velho do que Vincent, e acabou por ceder ao convite para se juntar a ele em Arles, para ali fundarem a idealizada comunidade de pintores – a pretensa 'comunidade' durou apenas cerca de três meses. *Ab initio*, Gauguin teve dificuldade em se adaptar à completa desorganização em que Vincent vivia: "*por todo o lado, uma desordem que me chocava. A caixa de tintas mal podia conter todas aquelas bisnagas esmagadas, sempre abertas* [...], *toda aquela porcaria*"[7]. Demais, Gauguin via, realisticamente, as modestas finanças de ambos (dinheiro enviado de Paris por Theo) "*tomarem os mesmos confusos caminhos*", pelo que teve de organizar um registo obrigatório das despesas, e ele próprio passou a cozinhar, poupando-se assim nos gastos com o modesto restaurante onde ambos comiam[7]. Psicanaliticamente, Gauguin é, pois, o superego que se impõe a Vincent, procurando pôr ordem na sua conduta infantil e desorganizada – trata-se, afinal, da conflitualidade de Vincent com o seu superego, bem descrita por Freud. Com tão antagónicas personalidades, as relações entre ambos degradaram-se rapidamente. Aliás, subjectivamente, Vincent reconhecia já não se sentir bem de saúde: "***Gauguin chegou de boa saúde. Dá-me a impressão de estar melhor do que eu***" – carta ao irmão, Outubro de 1888[3]. Uma noite, foram ambos a um café e Vincent bebeu absinto, bebida de que usava e abusava (alguns autores sugeriram que ele se teria intoxicado com o consumo deste destilado, que foi proibido em alguns países face aos seus efeitos neurotóxicos). Os factos então ocorridos foram mais tarde descritos pelo próprio Gauguin: "*Subitamente, atirou-me à cabeça o copo e o respectivo conteúdo. Esquivei-me ao golpe e, agarrando-o pela cintura* [Gauguin era um homem possante], *minutos depois já Vincent se encontrava na cama onde, passados alguns segundos, adormeceu para só acordar na manhã seguinte*"[7]. Nessa manhã, Gauguin informou Vincent que iria escrever a Theo anunciando-lhe a sua decisão de se ir embora de Arles. À noite, decidiu ir passear sozinho, mas a certa altura sentiu passos atrás de si: "*Virei-me no preciso momento em que Vincent se precipitava sobre mim, com uma navalha aberta na mão*"[7]. Face a esta atitude de Vincent, Gauguin decidiu não voltar a casa, e dormiu num hotel. O que se passou a seguir

é geralmente conhecido: o psicodrama de Vincent a cortar uma orelha (ele próprio se retrataria com a cabeça entrapada – Fig. 2), seguido do acto trágico-cómico de a ir oferecer, metida num envelope, a uma prostituta num lupanar[7]. Informada da ocorrência, na manhã seguinte a polícia foi a casa de Vincent, e "*ce malheureux a été admis d'urgence à l'hospice*"[6].



**Fig. 2 –** Auto-retrato com orelha ligada – Arles, Janeiro de 1889 (Courtauld Institute Galleries, Londres).

Bastos diagnósticos têm sido sugeridos sobre a(s) doença(s) de Vincent, e numerosos são os trabalhos dedicados a essa temática: "*Eckhard Neumann has established that by 1973* [portanto, há quase meio século] *no fewer than 93 publications had attempted to diagnose van Gogh's illness. Thirteen of them suggested schizophrenia; the same number, epilepsy; five proposed that both were present in the artist; some inclined to think alcohol the culprit; others syphilis; and others again were unable to discern pathological causes of any kind. The list of explanations is a lengthy one*"[11]. Obviamente que a fiabilidade da maioria daqueles diagnósticos, feitos *a posteriori*, é bastante questionável, e mesmo o diagnóstico de epilepsia, formulado por dois dos seus médicos – Dr. Féliz Rey (Hospital de Arles) e Dr. Théophile Peyron (hospício de St. Rémy) –, enferma das insuficiências do "estado da arte" de então e da inexistência de meios complementares de diagnóstico, *v. g.*, a electroencefalografia. Aliás, aqueles dois médicos teriam formulado o diagnóstico de "epilepsia' mas, estranhamente, nunca trataram Vincent dessa suposta patologia. O Dr. Peyron, que era médico militar da Marinha mas não neurologista ou psiquiatra – "*Peyron n'a pas de compétence particulière en psychiatrie*"[12] –, na alta hospitalar do doente fala em "*vários ataques* [...] *que duraram de duas semanas a um mês*"[3], o que, clinicamente, não é compatível com a epilepsia. Demais, não temos uma descrição típica de ataques epilépticos (aura, movimentos convulsivos, espumar pela boca, morder a língua, micção durante a crise, etc.), além de não ser crível que ele fosse internado durante cerca de um ano numa casa de "*aliénés*" ("*Maison de Santé Saint-Remy de Provence* [...] *Consacré au Traitement des aliénés des Deux Sexes*" – anúncio publicitário[1]) para ser tratado de uma doença putativamente neurológica. Lembre-se ainda que foi feita uma petição pelos habitantes do bairro onde Vincent vivia em Arles, dirigida ao comissário da polícia, pedindo o seu internamento por o considerarem um "*perigo público*": não se afigura plausível que os vizinhos solicitassem o seu internamento apenas por ele ser epiléptico. Aliás, cabe distinguir entre a doença neurológica epilepsia, clinicamente bem definida, e crises epileptiformes (convulsões): em várias outras patologias podem ocorrer ataques epileptiformes, o que é presumível que fosse o caso de Vincent (*vide* infra). Acresce que Gauguin conviveu com Vincent em Paris, e depois em Arles, trabalhando juntos e habitando a mesma casa, e no seu testemunho não refere nada que possa ser atribuído a epilepsia, antes o considerava um 'louco': "*O acaso fez com que, ao longo da minha existência, vários homens que comigo conviveram e discutiram tivessem enlouquecido. Incluem-se neste caso os irmãos Van Gogh*"[7]. De feito, Theo faleceu internado no Instituto Médico para Doentes Mentais, em Utrecht, depois de um médico parisiense ter atestado a sua situação de loucura.

Quanto ao diagnóstico de "blenorragia": a 7 de Junho de 1882, Vincent foi internado no Hospital Municipal de Haia[1] – vivia então, maritalmente, com a prostituta Sien – e ali permaneceu **hospitalizado durante 23 dias**. Eis o que escreveu ao seu irmão Theo: "***Parece*** *que tenho o que chamam blenorragia, mas apenas* ***um quadro discreto****. Preciso de permanecer no leito, tomando pílulas de quinino e recebendo injecções de água pura ou água com alúmen*" – carta a Theo, 8 ou 9 de Junho de 1882. Esta carta merece alguma exegese: primeiro, ela foi escrita um ou dois dias depois do internamento, quando o seu médico procederia ainda (presume-se) a uma avaliação clínica e anamnéstica do doente; segundo, a afirmação "*parece que tenho*" (formulada por Vincent ou pelo médico?) significa que não existia um diagnóstico definitivo da doença; terceiro, *o tratamento de uma blenorragia não implica um internamento hospitalar* – sempre foi maleita para ser tratada em ambulatório, segundo a nossa longa experiência clínica –, e muito menos durante *23 dias*, em especial "*sendo um quadro discreto*"; quarto, o tratamento mencionado pode considerar-se apenas sintomático, que não específico (dúvidas do médico sobre a etiologia em causa?). Enquanto especialista em Doenças Infecto-Contagiosas, permito-me lembrar que o 'cancro' inaugural da sífilis (o diagnóstico que se afigura mais plausível

para a longa hospitalização) tem localizações típicas, em geral o "cancro duro" balano-prepucial, mas pode também apresentar *localizações atípicas*, susceptíveis de conduzirem a diagnósticos erróneos, de que importa destacar a localização no meato urinário: "*chancre du méat: douloureux, peu visible, traduit par un écoulement* ***simulant une blennorragie*** *(parfois associée!)*"[13]. Assim, uma possível sífilis, inicialmente localizada no meato urinário e "*simulant une blennorragie*", erroneamente diagnosticada e erroneamente tratada, poderia ter evoluído, *à la longue*, para neuro-sífilis e apresentar, mais tarde, um quadro clínico semelhante ao desenvolvido por Vincent em Arles e em Saint-Paul-de-Mausole (internamento no asilo de alienados durante um ano), com manifestações de demência progressiva: na neuro-sífilis, "*affected individuals undergo personality changes, and dementia and delusional states are common*"[14]. A pretensa '*discreta blenorragia*" seria um subterfúgio, de Vincent ou do seu médico, para escamotear a situação desprestigiante de van Gogh, filho de um conhecido pastor religioso?

Cabe lembrar que, em especial devido a comportamentos licenciosos, a sífilis conheceu em Oitocentos um importante surto epidémico, tornando-se frequente entre os intelectuais; aliás, era, ao tempo, designada como "*mal du siècle*"[15,16]: "*Sífilis: toda a gente está mais ou menos afectada*", grafou um sifilítico célebre, o escritor Gustave Flaubert (1821-1880)[17]. Eis uma listagem, *muito breve*, de alguns dos principais intelectuais e artistas que então contraíram a lues: escritores: Marquês de Sade, Schiller, Lord Byron, Schopenhauer, Hoffmann, Baudelaire, Flaubert, Alphonse Daudet, Nietzsche, Maupassant, Oscar Wilde, etc.; músicos: Mozart, Beethoven, Schubert, Paganini, Donizetti, etc.; pintores: Goya, Gauguin, Toulouse-Lautrec, etc. E acreditava-se mesmo que o bacilo da sífilis propiciava genialidade: "*La génie, selon certains auteurs de la fin du XIX*[e] *siècle, pouvait procéder de la syphilis même*"[18]. Por exemplo, Guy de Maupassant, notável escritor francês, numa carta a um amigo exultava quando, em 1887, lhe foi diagnosticada sífilis: "*J'ai la vérole* [*syphilis*]*, enfin la vraie, pas la misérable chaude-pisse* [*blennorragie*]*, pas l'ecclésiastique chrystalline, pas les bourgeois crêtes de coq,* [...] *non, non, la grande vérole.* [...] *Et j'en suis fier* [...]*. Alléluia, j'ai la vérole*"[19]. Curiosamente, Vincent era admirador de Maupassant (1850-1893), e foi no seu livro *Bel-Ami* (1885) que se inspirou para pintar o quadro *O Terraço do Café na Place du Forum, Arles, à Noite* (1888), e no seu quadro *Natureza morta com estatueta de gesso* (Paris, 1887) pintou um exemplar daquele livro de Maupassant. E repare-se que no trio de que aqui nos ocupamos, Vincent, Theo e Gauguin, todos contraíram sífilis, de que os dois últimos viriam a falecer; Vincent antecipou a morte, suicidando-se, mas é evidente que também já estava condenado ao *exitus letalis* por etiologia luética.

Já depois de termos terminado a redacção deste trabalho, lemos o livro de Ken Wilkie *Viaje a Van Gogh, la Luz Enloquecida* (tradução para castelhano de *The Van Gogh File. A Journey of Discovery*)[5], livro com bastante interesse, posto que, além de revelar factos inéditos, lembra, outrossim, que houve um certo branqueamento de alguns aspectos da vida de van Gogh e do seu irmão: a publicação das cartas de Vincent foi, inicialmente, organizada pela sua cunhada, Johanna van Gogh Bonger, herdeira do espólio, e depois pelo seu filho, Vincent van Gogh, sobrinho de Vincent, que entenderam "*omitir algumas passagens menos edificantes*"[3] da vida dos dois irmãos[5]. Ken Wilkie entrevistou o Dr. A. Cavenaile, médico em Antuérpia, neto de um outro médico da mesma cidade, o Dr. Hubertus Amadeus Cavenaile, que revelou ao seu neto e ao seu filho (três gerações de médicos) que, em finais de 1885, tinha tratado Vincent de sífilis – o assunto nunca fora divulgado fora do estrito âmbito familiar, compreensivelmente por razões de deontologia médica. Vincent vira-se acossado pela acusação de ter engravidado Gordina de Groot, a rapariga que lhe serviu de modelo no quadro *Os comedores de batatas* – mas ela própria o ilibaria da autoria dessa gravidez –, o que o coagiu a abandonar Nuenen, refugiando-se em Antuérpia, em Novembro de 1885. Segundo o Dr. A. Cavenaile, o seu avô "*disse que tinha tratado Van Gogh de sífilis. Prescreveu-lhe um tratamento com* mercúrio *e enviou-o ao hospital de Stuyvenberg para fazer banhos de assento*"[5] – tradução nossa. Vincent teria confessado ao médico que não tinha dinheiro para lhe pagar as consultas, mas propôs-se pintar-lhe o retrato: essa pintura acabaria por ser enterrada no quintal da residência dos Cavenaile, com outros bens, quando a família teve de fugir para Inglaterra aquando da invasão alemã, em 1914 – Ken Wilkie ainda fez prospecções nesse quintal, mas não conseguiu recuperar a almejada pintura[5]. Questionado, então, por Vincent, o Dr. Hubertus Cavenaile "*explicou-lhe que a sífilis podia afectar-lhe o cérebro e inclusivamente ser-lhe fatal*"[5]. Deprimido e perseguido pela ideia da morte, nos escassos três meses que viveu em Antuérpia pintou um quadro com uma caveira (*Caveira com cigarro.* Antuérpia, 1885). Após termos lido esta revelação sobre a sífilis de Vincent, entendemos que ganha ainda mais consistência a nossa interpretação médica, supra, de que a "blenorragia" que determinara o internamento hospitalar de *23 dias* em Junho de 1882, em Haia, poderia ser antes uma infecção luética, deliberadamente escamoteada por Vincent, talvez pela previsível susceptibilidade familiar, ou simplesmente não diagnosticada por apresentar quiçá uma sintomatologia atípica. Entretanto, a situação clínica evoluíra, e o Dr. Hubertus Cavenaile limitou-se, coerentemente, a prescrever o tratamento então utilizado contra a sífilis, o mercúrio (este treponemacida não era usado na fase primária da doença, fase em que, pela sua lesão no pénis, van Gogh teria sido hospitalizado em Haia). Ora, o mercúrio – utilizado até ao início do século XX, altura em que foi substituído por arsenicais e depois pela penicilina – suscitava dois problemas de monta: a necessidade de um tratamento muito prolongado ("*uma noite com Vénus, toda a vida com mercúrio*", rezava um antigo aforismo médico) e a sua importante toxicidade ("*mata a doença e o doente*", grafou Gustave Flaubert[17]). Aliás, Flaubert, sifilítico célebre, tinha uma saliva de cor negra e caíram-lhe todos os dentes, menos um[20], devido ao uso do mercúrio. Consabidamente, a instabilidade dos dentes e sua queda

é um dos vários efeitos colaterais do mercúrio, e tal aconteceu também a Vincent[5]. Demais, o mercúrio é muito tóxico para o sistema nervoso central, sendo que na fase terminal não se sabe bem 'se o doente morre da doença se da cura'. No leito de morte, infectado pela sífilis e intoxicado pelo mercúrio, Flaubert teria exclamado: "*Morro a rebentar como um cão, enquanto a puta da Bovary se prepara para viver eternamente*"[21]. *Mutatis mutandis*, van Gogh viveu os últimos dias da sua vida "a rebentar como um cão" – "*a minha vida está atacada na sua própria raiz, os meus próprios passos estão já cambaleantes*", carta de Vincent ao irmão, escrita em Auvers[1] –, enquanto a sua obra estaria destinada a viver eternamente. Acresce que Vincent continuou a ser tratado de sífilis em Paris, pelo médico e notável investigador judeu David Gruby (1810-1898). Gruby, que descreveu vários fungos, entre eles a *Candida albicans*, também tratou o irmão de Vincent da mesma doença venérea, recomendando-lhes: "*Nada de mulheres*!"[5]. Este conselho médico não seria seguido por Vincent: posteriormente, em Arles, as suas despesas e de Gauguin contemplavam uma rubrica especial: "*um tanto para passeios nocturnos e higiénicos*"[7]. Em Paris, quando estava a sofrer os efeitos debilitantes da sífilis e do seu tratamento, Vincent escreveu: "***Il m'arrive de me sentir déjà vieux et brisé***" [22] – tinha apenas 35 anos: carta a Theo, Verão de 1887[3]. Nessa altura, voltou a pintar dois quadros com caveiras (1887/88) – antevisão da sua morte?

**Nota:** a Bibliografia deste trabalho constará na Parte II, a publicar no próximo número.